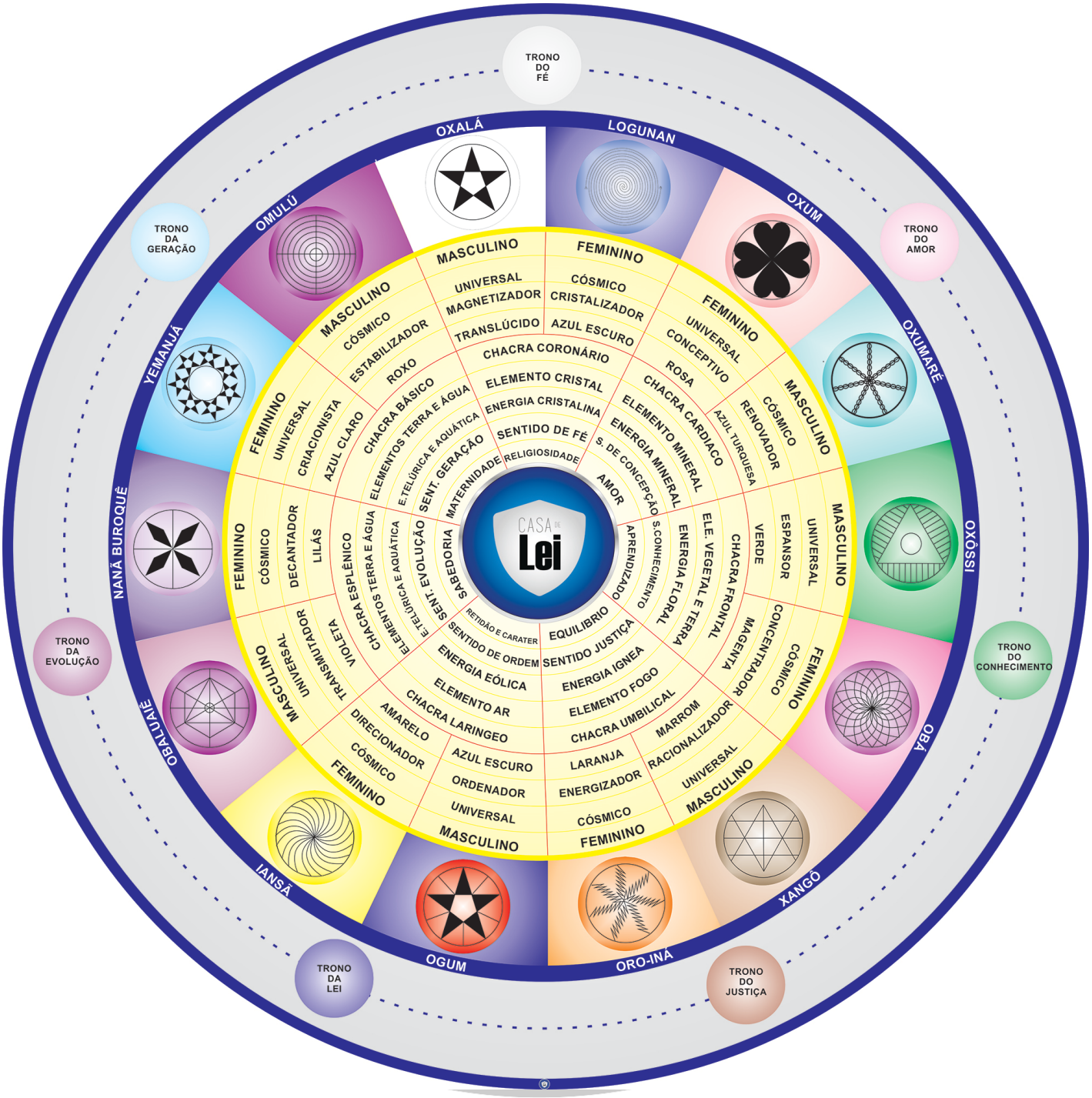
Coroa planetária



Oxalá (Òrìsànlá) na África

No Novo Mundo, na Bahia particularmente, Oxalá é considerado o maior orixás, o mais venerável e o mais venerado. Seus adeptos usam colares de contas brancas e vestem-se, geralmente, de branco. Sexta-feira é o dia da semana consagrado a ele. Esse hábito de se vestir de branco na sexta-feira estende-se a todas as pessoas filiadas ao candomblé, mesmo aquelas consagradas a outros orixás, tal é o prestígio de Oxalá. É sincretizado na Bahia com o Senhor do Bonfim, sem outra razão aparente senão a de ter ele, nesta cidade, um enorme prestígio e inspirar fervorosa devoção aos habitantes de todas as categorias sociais.

Porém, em Cuba, Òsàlá é relacionado com Nuestra Señora de la Merced.

Diz-se na Bahia que existem dezesseis Oxalás:

Obatalá, Odudua, Orixá Okin, Orixá Lulu, Orixá Ko, Oluiá Babá Roko, Oxalufã, Babá Epe, Babá Lejugbe, Oxaguiã, Orixá Akanjapriku, Orixá Ifuru, Orixá Kere, Babá Igbô, Ajaguna, Olissassa.

Notemos que Babá Lejugbe é sem dúvida Òrìsà Ijùgbe na África, onde é igualmente chamado Òrìsà Eteko, um companheiro de Obàlátá; Ajaguma é um dos nomes de Òrìa Ogiyán, que na Bahia é também chamado de Babá Elemessô; babá Igbô é o próprio Òrìsàálá. Olissassa no Brasil a versão daomeana (gêge) de Lisa. Quanto a Odùdùa, ele figura nesta lista, sem dúvida por causa de sua presença nos mitos de criação do mundo.

Dos orixás funfun, os mais conhecidos na Bahia são os mesmos dos quais falamos para África, Oxalufã, o Oxalá velho, e Oxaguiã, o jovem.

Existe uma lenda sobre eles, conhecida na Bahia e na África, da qual Lydia Cabrera dá também uma versão que recolheu em Cuba.

"Oxalufã, rei de Ifan, decidira visitar Xangô, o rei de Oyó, seu amigo. Antes de partir, Oxalufã consultou um babalaô para saber se sua viagem se realizaria em boas condições. O babalaô respondeu que ele seria vítima de um desastre, não devendo, portanto, realizar a viagem. Oxalufã, porém, tinha um caráter obstinado e persistiu em seu projeto, perguntando que sacrifícios poderia fazer para melhorar a sua sorte. O babalaô lhe confirmou que a viagem seria muito penosa, que teria de sofrer numerosos reveses e que, se não quisesse perder a vida, não deveria jamais recusar os serviços que, por acaso, lhe fossem pedidos, nem reclamar das consequências que disso resultassem. Deveria, também, levar três roupas brancas para trocar e sabão.

Oxalufã se pôs a caminho e, como fosse velho, ia lentamente, apoiado em seu cajado de estanho. Encontrou, logo depois, Èsù Elèpo Pupa (‘Exu-Dono-do-Azeite-de-Dendê’), sentado à beira da estrada com um barril de Azeite-de-Dendê ao seu lado. Após uma troca de saudações, Exu pediu a Oxalufã que o ajudasse a colocar o barril sobre a sua cabeça. Oxalufã concordou e Exu aproveitou para, durante a operação, derramar, maliciosamente, o conteúdo do barril sobre Oxalufã, pondo-se a zombar dele. Este não reclamou, seguindo as recomendações do babalaô; lavou-se no rio próximo, pôs uma roupa nova e deixou a velha como oferenda. Continuou a andar com esforço, e foi vítima, ainda por duas vezes, de tristes aventuras com Èsù-Eléèdu (‘Exu-Dono-do-Cavão’) e Èsù Aláàdì (‘Exu-Dono-do-Óleo-da-Amêndoa-de-Palma). Oxalufã, sem perder a paciência, lavou-se e trocou de roupa após cada um das experiências. Chegou, finalmente, à fronteira do reino de Oyó e lá encontrou um cavalo que havia fugido, pertencente a Xangô. No momento em que Oxalufã quis amassar o animal, dando-lhe espigas de milho, com a intenção de levá-lo ao seu dono, os servidores de Xangô, que estavam à procura do animal, chegaram correndo. Pensando que o homem idoso fosse um ladrão, caíram sobre ele com golpes de cacete e jogaram-no na prisão. Sete anos de infelicidade se abateram sobre o reino de Xangô. A seca comprometia a colheita, as epidemias acabavam com os rebanhos, as mulheres ficavam estéreis. Xangô, tendo consultado um babalaô, soube que toda essa desgraça provinha da injusta prisão de um velho homem. Depois de seguidas buscas e muitas perguntas, Oxalufã foi levado à sua presença e ele reconheceu seu amigo Oxalá. Desesperado pelo que havia acontecido, Xangô pediu-lhe perdão e deu ordem aos seus súditos para que fossem, todos vestidos de branco e guardando silêncio em sinal de respeito, buscar água três vezes seguidas a fim de lavar Oxalifã. Em seguida, este voltou a Ifan, passando por Ejigbô para visitar seu filho Oxaguiã, que, feliz por rever seu pai, organizou grandes festas com distribuição de comidas a todos os assistentes."

Essa lenda é comemorada todos os anos na Bahia, em certos terreiros, particularmente naqueles de origem kêto, por um ciclo de festas que se estende por três semanas.

Numa sexta-feira, dia da semana que no Brasil é consagrado a Oxalá, os axés do deus são retirados do seu "pejí" e levados em procissão até uma pequena cabana, feita de palmas traçadas e simbolizando a viagem de Oxalufã e a sua estadia na prisão.

Na sexta-feira seguinte, ou seja, sete dias após, representando sete anos de encarceramento, tem lugar a cerimônia das "Águas de Oxalá", águas para lavar Oxalá. Todos os que participam da cerimônia chegam na véspera, à noite. O maior silêncio é observado, a partir da quinta-feira ao findar do dia, estendendo-se até a manhã do dia

seguinte. Os participantes vão, antes da aurora, pegar as "Águas de Oxalá", todos vestidos de branco e com a cabeça coberta com um pano igualmente branco. Forma um longo cortejo que vai em silêncio, precedido por uma das mais antigas mulheres dedicadas a Oxalá, que agita, sem parar, um pequeno sino de metal branco, chamado adja. Fazem três viagens até a fonte sagrada. Nas duas primeiras, a água derramada sobre os axés de Oxalá. Essa parte do ritual é realizada como lembrança das pessoas do reino de Oyó que foram, em silêncio e vestidas de branco, buscar água para Oxalufã lavar-se. Na terceira vez, que ocorre ao nascer do dia, os vasos cheios d'água são arrumados em volta do axé de Oxalá. A proibição de falar é sustada, cânticos acompanhados pelo ritmo dos tambores são entoados e transes de possessão se produzem entre as filhas de Oxalá, como testemunho da satisfação do deus.

No domingo seguinte, tem lugar uma cerimônia, pouco importante, mas exatamente uma semana depois, realiza-se uma procissão que leva os axés de Oxalá ao seu "pejí" simbolizando a volta de Oxalufã ao seu reino.

O terceiro domingo, finalizando o ciclo das cerimônias, é chamado de "Pilão de Oxaguiã" e evoca as preferências gastronômicas desse personagem. Distribuições de comida são realizadas em seu nome, a fim de festejar a volta do pai. Nesse dia, uma procissão leva ao barracão pratos contendo inhame pilado e milho cozido, sem sal e sem azeite-de-dendê, mas com limo da costa. Pequenas varas de arorí, chamadas ìsán, são entregues aos oxalás manifestados, às pessoas ligadas ao terreiro e aos visitantes importantes. Uma roda se forma, onde os dançarinos passam curvados diante dos orixás, que lhes dão, à passagem, um ligeiro golpe de vara; por seu lado, os que foram assim tocados dão e recebem, ao rodarem, golpes de vara da assistência. Há, sem dúvida, nessa parte do ritual, reminiscência da luta de Ejigbô, no dia da festa de Oxaguiã.

Uma versão sincretizada das "Águas de Oxalá" é a lavagem do chão da Basílica do Senhor do Bonfim que acontece todos os anos na Bahia, na quinta-feira precedente ao domingo do Bonfim. Alguns piedosos católicos tinham o hábito de lavar zelosamente o chão da igreja, um ato de devoção que não é particular a esse templo. No Bonfim, porém, tomou um caráter diferente, pois os descendentes de africanos, movidos por um sentimento de devoção, tanto ao Cristo como ao deus africano, fizeram uma aproximação entre as duas lavagens: a dos axés de Oxalá e aquela do solo da igreja que leva o nome católico do mesmo orixá. Os devotos aparecem em grande número a fim de participarem da lavagem, na quinta-feira do Bonfim.

Essa festa é atualmente, uma das mais populares da Bahia. Nesse dia, as baianas, vestidas de branco, cor de Oxalá, vão em cortejo à igreja do Bonfim. Trazem na cabeça potes contendo água para lavar o chão da igreja e flores para enfeitar o altar. São acompanhadas por uma multidão, onde sempre figurão as autoridade civis do Estado da Bahia e da cidade de Salvador.

Oxalá na Umbanda

Oxalá é o Trono Natural da Fé e seu campo de atuação preferencial é a religiosidade dos seres, aos quais ele envia o tempo todo suas vibrações estimuladoras da fé individual e suas irradiações geradoras de sentimentos de religiosidade.
Fé! Eis o que melhor define o Orixá Oxalá. Sim, amamos irmãos na fé em Oxalá. O nosso amado Pai da Umbanda é o Orixá irradiador da fé em nível planetário e multidimensional. Oxalá é sinônimo de fé. Ele é o Trono da Fé que, assentado na Coroa Divina, irradia a fé em todos os sentidos e a todos os seres. Comentar Oxalá é desnecessário porque ele é a própria Umbanda. Logo, vamos nos afixar nas suas qualidades, atributos e atribuições.

Qualidades: As qualidades de Oxalá são, todas elas, mistérios da Fé, pois ele é o Trono Divino irradiador da Fé. Nada ou ninguém deixa de ser alcançado por suas irradiações estimuladoras da fé e da religiosidade. Seu alcance ultrapassa o culto dos Orixás, pois a religiosidade é comum a todos os seres pensantes. Jesus Cristo é um Trono da Fé de nível intermediário dentro da hierarquia de Oxalá. E o mesmo acontece com Buda e outras divindades manifestadoras da fé, pois muitos Tronos Intermediários já se humanizaram para falar aos homens como homens e , assim, melhor estimularem a fé em Deus. Todas as divindades irradiam a fé. Mas os Tronos da hierarquia de Oxalá são mistérios da Fé e irradiam-na o tempo todo.

Atributos: Os atributos de Oxalá são cristalinos, pois é através da essência cristalina que suas irradiações nos chegam, imantando-nos e despertando em nosso íntimo os virtuosos sentimentos de fé. Saibam que a essência cristalina irradiada pelo Divino Trono Essencial da Fé é neutra quando irradiada. Mas como tudo se polariza em dois tipos de magnetismos, então o pólo positivo e irradiante é Oxalá e o pólo negativo e absorvente é Oiá. Oxalá irradia fé o tempo todo e Oiá absorve as irradiações religiosas desordenadas vibradas pelos religiosos desequilibrados. Ela se contrapõe a ele porque a atuação dela é no sentido de

absorver os excessos religiosos vibrados pelos seres que se excedem nos domínios da fé. Já Oxalá irradia fé e estimula a religiosidade o tempo todo, a todos.

Atribuições: As atribuições de Oxalá são as de não deixar um só ser sem o amparo religioso dos mistérios da Fé. Mas nem sempre o ser absorve suas irradiações quando está com a mente voltada para o materialismo desenfreado dos espíritos encarnados. É uma pena que seja assim, porque os próprios seres se afastam da luminosa e cristalina irradiação do divino Oxalá... e entram nos gélidos domínios da divina Oiá, a Senhora do Tempo e dos eguns negativados nos aspectos da fé.

Oferenda tradicional para Oxalá

- ✓ 1 tigela de louça branca
- ✓ 1 taça
- ✓ Canjica branca (cozida ao dente)
- ✓ 1 vela branca
- ✓ 1 rosa branca
- ✓ Mel
- ✓ Água mineral ou vinho branco licoroso

Coloque a canjica em uma tigela de louça branca e cubra com mel. Em cima, coloque o botão de rosa. De um lado da tigela acenda a vela e do outro coloque uma taça com a bebida.

Elementos e fundamentos de Oxalá

• **Campo de atuação:** Fé e congregação
• **Chacra:** Coronário
• **Região do corpo:** Glândula pineal / Epífise neural
• **Sincretismo:** Jesus Cristo
• **Data festiva:** 25 de dezembro
• **Dia da semana:** Sexta-feira
• **Horário vibratório:** 9h às 12h
• **Ponto riscado:** Estrela de cinco pontas, cruz de Cristo e Sol
• **Símbolo:** Opaxorô (Cajado)
• **Elemento:** Ar
• **Água:** Mineral, nascente e orvalho
• **Ervas de limpeza:** Erva de bicho, mamona, orégano, alho, fumo, comigo-ninguém-pode, açoita cavalo.
• **Ervas de equilíbrio:** Algodoeiro, anis estrelado, alecrim, boldo, hortelã, levante, manjericão, salvia, rosa branca, cravo da índia, laranjeira, louro, sândalo, verbena.
• **Flores:** Rosa branca, crisântemo, palmas brancas e copo de leite.
• **Pedras:** Cristal, Selenita, Galena, Rowlita e Calcita ótica.
• **Cores:** Branco, prata, dourado e cristalino
• **Frutas:** Melão, Maça verde, uva verde, goiaba branca, pêra, côco, carambola.
• **Ponto de força:** Mirante e campo aberto
• **Saudação:** Epá Babá ou Exeuá Babá

Mãe Oyá-Tempo / Logunan

Oiá é a orixá do Tempo e seu campo preferencial de atuação é o religioso, onde ela atua como ordenadora do caos religioso

O "Tempo" é a chave do mistério da Fé regido pela nossa amada mãe Oiá, porque é na eternidade do tempo e na infinitude de Deus que todas as evoluções acontecem. A orixá Oiá forma um pólo magnético vibratório e energético oposto ao do orixá Oxalá, e ambos regem a linha da Fé, que é a primeira das Sete Linhas de Umbanda, que são as sete irradiações divinas do nosso Criador. Logo, o campo de atuação de nossa amada mãe Oiá é o campo da fé, onde flui a religiosidade dos seres, todos em continua evolução.
Oiá é a regente cósmica da linha da Fé, e tempo é o vazio cósmico onde são retidos todos os espíritos que atentam contra os princípios divinos que sustentam a religiosidade na vida dos seres.
"Tempo", eis as qualidades, atributos e atribuições negativas de Oiá, de que tanto falamos e alertamos aos supostos pais de Santo ou magos negros que recorrem ao "Tempo" para prejudicar seus semelhantes com seus ebós sujos e suas magias negras. Oiá é a orixá regente do polo negativo da linha da Fé, que é a primeira das Sete Linhas de Umbanda e, com Oxalá assentado em seu polo positivo, dão sustentação a todas as manifestações da fé e dão amparo a todos os "sacerdotes" virtuosos e guiados pelos princípios divinos estimuladores da evolução religiosa dos seres.
Quando Oiá "vira no tempo", seja contra um seu filho direto quanto um seu filho indireto (que têm a coroa regida por outros orixás), então sua vida entra em parafuso e só deixará de rodar quando esgotar tudo de desregrado e desvirtuado que nela existia. Isto é Oiá, amados filhos dos orixás! Mãe religiosa por sua excelência divina, mas mãe rigorosa por sua natureza cósmica, cujo principal atributo junto dos espíritos humanos é o de esgotar o lobo sanguinário que oculta-se por baixo da pele de cordeiro.
Enquanto Oxalá é irradiante, Oiá é absorvente, e enquanto os filhos de Oxalá são extrovertidos, os de Oiá são introspectivos e até um tanto tímidos, pois a natureza forte de sua mãe divina exige deles uma certa "beatitude" 9já que, das mães divinas, ela é a mais ciumenta por seus filhos amados e a mais rigorosa com os seus filhos relapsos. Isto é Oiá, amados filhos das nossas amadas mães divinas!
Se ela é assim, é porque ela é a orixá que, junto com Oxalá, rege a primeira linha de Umbanda, que é a linha da Religiosidade. Logo, os filhos de Umbanda, que têm em Oxalá o divino Pai da Fé, também devem cultuar a divina mãe Oiá. Com ele no polo positivo e ela no

polo negativo, forma-se o par dos orixás excelsos que regem a linha da Fé e estimulam a religiosidade nos seres.

Oferenda tradicional para Oyá-Tempo

- ✓ 1 tigela de louça branca
- ✓ Frutas brancas (maçã verde, uva verde, fruta do conde, melão, banana)
- ✓ 1 vela branca ou bicolor preta e branca
- ✓ 1 rosa branca
- ✓ Mel
- ✓ Água mineral ou vinho branco licoroso

Coloque as frutas na tigela de louça branca e cubra com mel. Em cima, coloque o botão de rosa. De um lado da tigela acenda a vela e do outro coloque uma taça com a bebida.

Elementos e fundamentos de Oyá Tempo

• **Campo de atuação:** Religiosidade e fé desvirtuada
• **Chacra:** Coronário
• **Região do corpo:** Glândula pineal / Epífise neural
• **Sincretismo:** Santa Clara
• **Data festiva:** 11 de agosto
• **Dia da semana:** Sexta-feira
• **Horário vibratório:** 9h às 12h
• **Símbolos:** Espiral
• **Elemento:** Ar
• **Água:** Mineral e chuva
• **Ervas de limpeza:** Cânfora, eucalipto, bambu, tiririca, salgueiro, orégano, pinhão branco.
• **Ervas de equilíbrio:** Benjoim, chapéu de couro, rosa amarela, dracena, erva de santa luzia, losna, verbena, girassol.
• **Flores:** Rosa branca e Palmas brancas
• **Pedras:** Cristal fumê, Cristal rutilado, Cristal Fanton.
• **Cores:** Prata, fumê, azul escuro e branco/preto
• **Frutas:** Maracujá, carambola, limão, laranja e abacaxi
• **Ponto de força:** Mirante e campo aberto
• **Linha de trabalho:** Boiadeiros
• **Saudação:** Olha o Tempo, minha mãe!